



OS DISCURSOS DE LACAN E OS LAÇOS SOCIAIS NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Jackeline Kruschewsky Duarte Raphael[1]

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho[2]

Sérgio Augusto Franco Fernandes[3]

Eixo temático 06: Ensino Superior no Brasil

RESUMO

O tema da educação na contemporaneidade tem levado psicanalistas a refletir sobre as relações que permeiam este campo a partir dos textos de Freud e de Lacan. Em se tratando do Ensino Superior, Freud apresentou poucas reflexões sobre a Universidade, salvo uma importante contribuição com o conceito de transferência. Lacan retoma a transferência como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise e, tanto quanto Freud, utiliza-se deste conceito e da teoria dos discursos para analisar o laço social nesse contexto. Este estudo tem, como finalidade, buscar na obra de Lacan, por meio de revisão bibliográfica, contribuições teóricas sobre o ensino, a partir da posição do professor nos discursos. Lacan coloca o professor na posição de sujeito desejante, causador de desejo no aluno a partir de novos laços sociais que se diferenciam dos estabelecidos pelos discursos universitário e do mestre.

Palavras-chave: Educação Superior; Psicanálise; Teoria dos Discursos.

ABSTRACT

The theme of education in the contemporary society has led psychoanalysts to reflect on the relationships that permeate this field based on texts of Freud and Lacan. In terms of higher education, Freud presented few reflections about the University, except an important contribution to the concept of transference. Lacan takes up the transfer as one of the four fundamental concepts of psychoanalysis and as far as Freud himself, and used this concept and theory of discourse to analyze the social bond in that context. The purpose of this study is to seek in Lacan's work, through literature review, theoretical contributions about teaching, from the position of the teacher in the speeches. Lacan puts the teacher in the position of desiring subject, causing desire in students from new social ties that differ from those established by the university and master discourses.

Keywords: Higher Education; psychoanalysis; Theory of Discourse.

Introdução

Desde Freud, como se sabe, a psicanálise traz contribuições para o âmbito da educação. Apesar de não ter sido um educador, Freud, no decorrer dos seus escritos, abordou tal ofício como uma das profissões impossíveis, no sentido de se obter uma realização plena.

O mal-estar social contemporâneo vem sendo um tema presente em todas as discussões que tratam da educação, por ser um ponto significativo quando se abordam as relações vividas nos contextos institucionais. No contexto do ensino universitário, as reflexões iniciadas por Freud a partir do conceito de transferência e as contribuições de Lacan com a teoria dos discursos contribuem como elemento norteador fundamental deste trabalho, ajudando-nos na compreensão da complexa relação professor-aluno na Universidade, a partir da posição do professor nos discursos. Assim sendo, neste artigo abordar-se-ão as contribuições teóricas de Lacan por meio de uma revisão da literatura da sua teoria sobre os discursos como laço social. Parte-se do conceito de transferência na obra de Lacan, marcando a interface deste conceito com a educação. No final, serão levantadas algumas considerações sobre a relevância do estudo das relações professor-aluno a partir da teoria dos discursos de Lacan, para o Ensino Superior Contemporâneo.

A educação e o conceito de transferência em Lacan

Para onde aponta a contribuição da psicanálise lacaniana à educação?

Faz-se necessário buscar nos escritos de Lacan, e nas suas alocações, reflexões sobre a transferência, já que a transferência, para Lacan, se presentifica no laço social. Retomando a obra de Freud, ele demarcou a transferência como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ampliando suas contribuições com a teoria dos discursos, na qual apresentou a transferência como forma de laço social. Abordaremos, inicialmente, as contribuições de Lacan ao conceito de transferência, para chegarmos às suas alocações sobre o ensino a partir dos quatro discursos e suas possíveis leituras no contexto do ensino universitário.

Em *Intervenção sobre a transferência* (1951/1998, p.215), Lacan, ao fazer uma análise do caso Dora, paciente que foi atendida por Freud e considerada o pivô das conjecturas sobre o manejo transferencial no início da sua prática clínica, argumentou que “a psicanálise é uma experiência dialética”. Com o uso unicamente das palavras, tratou da natureza da transferência, deixando claro que esta não diz respeito a comportamentos e, sim, à posição do sujeito diante da sua verdade, do seu desejo, expressa através da fala.

Lacan considerou que a transferência não é um resultado da afetividade. Só quando ela se trai como emoção é que o sentido advém em função da forma como, em um momento dialético, se produz na fala. Ele acrescentou que, “Em outras palavras, a transferência não é nada de real no sujeito senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes pelos quais ele constituiu seus objetos” (LACAN, 1951/1998, p. 224). Nesse primeiro momento, Lacan apresentou a transferência no registro imaginário[4], quando o analisante, através de um direcionamento para uma relação intersubjetiva, coloca o analista na posição que tem a ver com a forma de se relacionar com as suas identificações formadoras, o que muito ocorre na relação que o aluno estabelece com o professor, quando o coloca, imaginariamente, em posições que reeditam a forma dele se relacionar com o outro.

Em 1953, Lacan começou a tratar da transferência pela vertente simbólica. No seu seminário, livro 01, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954/1986), comentou sobre três grandes conceitos - o imaginário, o simbólico[5] e o real[6] -, como fundamentais para abordar a natureza humana, e os utilizou como referência para compreender a experiência freudiana. Segundo Lacan (1953-1954/1986), o lugar do sujeito no mundo simbólico, no mundo das palavras, é que define a sua situação na relação com o imaginário e com o real. A transferência aparece como ato verbal, que acontece simbolicamente a cada vez que uma pessoa fala para outra, de forma autêntica e plena; “[...] é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 165), sendo a palavra o que aproxima o sujeito do imaginário.

Nesse sentido, o ser vivo se torna humano através da relação simbólica. Desde o seu nascimento, as palavras lhe servem de apelo na relação com o outro que o nomeia. Faz-se importante ressaltar que, para Lacan (1953-1954/1986), a relação simbólica é eterna, já que a palavra representa um terceiro elemento de mediação quando diante de duas pessoas. É pela via dessas primeiras experiências de linguagem que o meio do homem se torna simbólico, fornecendo a conexão da dimensão imaginária com o sistema simbólico, podendo a história do sujeito se inscrever de uma forma que ele se reconheça no presente, no passado e no futuro.

No seminário, livro 08, *A transferência* (1960-1961/1992), Lacan iniciou suas reflexões dizendo que a intersubjetividade é algo de muito estranho ao “encontro analítico” e, nesse sentido, precisa ser evitada. A relação tende ao estanque se cair no campo do consolo, da sedução, do encantamento. Segundo Lacan (1960-1961/1992), a intersubjetividade deve ser evitada para que apareça a transferência, mesmo que ele tenha dito que no começo é o amor. Na relação professor-aluno isso é algo que também tende a acontecer, essa relação de encantamento, que também precisa ser evitada para que a transferência enquanto desejo de saber possa acontecer. Como Lacan, então, chega a essas reflexões sobre o amor na transferência?

Lacan utilizou *O Banquete*, de Platão, para falar do amor de transferência a partir do diálogo entre Sócrates e Alcibiades. Nesse diálogo em torno de Sócrates, cada um dos personagens relata uma concepção diferente do amor. Entre eles encontra-se Alcibiades, a quem Sócrates renunciou a ser amante. Lacan, ao discorrer sobre esse diálogo, coloca Sócrates no lugar daquele que interpreta o desejo dos seus discípulos, demonstrando que o filósofo ateniense não escolhe a abstinência por amor à filosofia, mas por entender que o verdadeiro objeto de desejo de Alcibiades não é ele, Sócrates. É nisso que consiste a transferência. Ela é feita pelo mesmo estofo que o amor comum, que, em verdade, é um artifício, pois se refere inconscientemente a um objeto que reflete outro. Ou seja, Alcibiades acredita desejar Sócrates, quando, na verdade, deseja Agatão (LACAN, 1960-1961/1992).

O que se entende por isso, no contexto da análise?

Embora o divã analítico seja visto como um leito de amor - disse Lacan (1960-1961/1992) -, ele implica uma posição falsa, já que, mesmo estando o paciente ali para saber o que lhe falta, o analista não vai ensiná-lo a amar, mas, sim, possibilitá-lo saber o que lhe falta, amando. O paciente busca o analista porque supõe não saber o que tem e isso já implica o inconsciente, “[...] se ele parte em busca do que tem e não conhece, o que vai encontrar é o que lhe falta... a saber, seu desejo” (LACAN, 1960-1961/1992, p. 71).

E no contexto da educação?

O que Lacan falou sobre a posição falsa do analista se assemelha com a posição do professor quanto ao saber. Mais do que ensinar, o professor vai possibilitar ao aluno desejar aprender pela via do desejo de saber. Ao professor é possível ocupar o lugar de causa de desejo quando há transferência e quando ele suporta não se colocar no lugar do detentor do saber. Isso condiz com o que Freud falou sobre a educação como algo impossível, porque o saber, o que o aluno quer realmente aprender, está com ele; essa busca por esse saber através da transferência produz o desejo de saber.

Lacan, a partir de suas colocações no seminário, livro 08 (1960-1961/1992), mesmo quando se baseou no amor de transferência como demanda de amor e sustentou a relação entre analista e analisante pela via do objeto, passou a introduzir a dimensão da suposição de saber. Como objeto do desejo, o analista passa a ser objeto causa do desejo na relação transferencial. No seminário, livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998), Lacan reafirmou que a transferência é um fenômeno fundamental ligado ao desejo e que, havendo um sujeito que encarne alguém nessa função de suposição de saber, seja psicanalista ou não, a transferência estaria fundada. Nenhum psicanalista poderia representar um saber absoluto, sendo que o mesmo acontece com a figura do professor. Como objeto da transferência e como sujeito suposto saber, o analista opera a partir do desejo inconsciente, já que o desejo é o desejo do Outro[7]. O analista passa a ser questionado como alguém que sabe e, em contrapartida, maneja a transferência na intenção da produção de um saber pelo sujeito. Embora colocado na condição de supostamente ter o objeto (objeto *a*) que causa o

desejo, ele não ocupa esse lugar de detentor do saber e, sim, de causador desse saber. É nesse seminário que Lacan formaliza o conceito de Sujeito Suposto Saber como articulador da transferência.

Em 1962, no seminário, livro 10, *A angústia*, Lacan (1962-1963/2005) tratou do desejo do docente e afirmou que abordar isso é falar que o ensino existe. Para Lacan, falar sobre o ensino através de uma reflexão psicanalítica é falar do desejo, de algo que vai além das práticas docentes reconhecidas através da identidade do professor. Falar do desejo do docente é colocar o professor, portanto, no lugar de desejante, daquele que deseja que o ensino aconteça possibilitando, como objeto causa de desejo, que o aluno deseje saber.

Os discursos de Lacan e os laços sociais no contexto da educação

Baseado na premissa de que o desejo é sempre o desejo do Outro, o analista trabalha na condição de não responder à demanda do outro, fazendo-o funcionar de maneira a se questionar sobre seu próprio desejo. Assim se posicionando, o analista não ocupa o lugar do mestre detentor do saber sobre o inconsciente do sujeito, colocando-se no lugar de quem não sabe. Tais reflexões nos levam ao estudo que Lacan fez sobre os discursos, nos possibilitando articulá-los com a posição do professor.

Em *Alocução sobre o ensino* (1970/2003), palestra proferida no encerramento de um congresso da Escola Freudiana de Paris, Lacan fez uma reflexão sobre o ensino não como aprendizagem, mas como transmissão de saber. Falou, principalmente, do seu próprio ensino. Aqui utilizaremos as suas colocações para pensarmos o ensino na Universidade. Para Lacan (1970/2003), o ponto principal do ensino não é atingir um objetivo nem, necessariamente, entrar em um assunto específico, mas produzir, como efeito, um saber como algo além do conhecimento.

Segundo Miller[8] (2003), falar do ensino de Lacan nos seus seminários não é falar de um método, um procedimento ou uma técnica e, sim, de um dispositivo. De maneira criativa, Lacan expunha o objeto, o inconsciente, de uma forma em que ele se embrulhava, se atrapalhava e se desembaraçava, sendo que isso estaria longe de ser um método. Para Miller, Lacan modificava a sua maneira de ensinar, de forma que a reinventava, ao seu modo e a cada tempo. Essa sua forma particular de fazer isso produziu um grande efeito de formação. Ele mostrava que não dominava plenamente o objeto e nunca disse que ele estava pronto; quando dizia, desfazia a colocação.

Para falar do seu ensino, Lacan usou, como metáfora, o pêndulo que se movimenta entre quem ensina e quem é ensinado, ressaltando a relação professor-aluno como uma relação dialética, como um impulso. Ao acrescentar que essa relação é como se fosse uma roda-viva, defendeu que resultar um saber a partir dessa relação vai mais além de um ensino focado em um objetivo específico e em um assunto a cumprir. O professor, como efeito do ensino, disse Lacan (1970/2003, p. 305), “se produz no nível do sujeito” como efeito do significante, “que o representa para outro significante”. Lacan sugere colocarmos o professor no lugar do sujeito barrado[9] (\$), mas não afirma que ele estará o tempo todo nessa posição, pois isso vai depender do seu lugar no discurso em questão.

Em *Meu ensino* (1967-1968/2006), Lacan iniciou o texto dizendo ser difícil, como professor, entregar o ensino como se fosse um comprimido. Para ele, falar da psicanálise todos os dias, mesmo que isto seja visto como algo corriqueiro, como disciplina, não é repetir a mesma coisa. Isso traria, como efeito, um ensino que deixa a desejar quanto à incompletude do saber: “Tudo leva a crer que o que a verdade diz não o diz absolutamente da mesma forma que o discurso comum o repete” (LACAN, 1967-1968/2006, p. 25). Para Lacan, quando o outro pretende dizer alguma coisa, o que ele diz não coincide com o que ele pensou em falar. Quando fala do efeito, da finalidade do seu ensino, Lacan diz que “seria fazer psicanalistas à altura dessa função que se chama “sujeitos”, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata na psicanálise” (LACAN, 1967-1968/2006, p. 53), o que não é uma simples comunicação intersubjetiva.

Lacan trata da divisão do sujeito como relevante no que tange à díade professor-aluno e, ao falar da sua

própria posição, no lugar de quem ensina, diz: “só posso ser ensinado à medida do meu saber” (LACAN, 1970/2003, p. 304), pois, enquanto professor, ele ocupa uma posição de divisão e considera que também se instrui a partir dessa relação. Em *Estou falando com as paredes* (1971-1972/2011), Lacan afirmou que, quando está falando, nos seus seminários, está na posição de analisando. Essa fala tem relação com o seu discurso e nem sempre as pessoas a compreendem bem, mas, mesmo que tenham o sentimento de não entendimento do que escutam, ela pode ajudá-las nas suas ideias. Lacan ressaltou que há um discurso em seu ensino e que, embora haja uma escolha do que vai ser dito, que pode ser arbitrária ou não, haverá sempre um furo nessa fala.

Quando, em *Estou falando com as paredes*, Lacan se questionou “Como saber para quem estou falando?” (1971-1972/2011, p. 79), ele disse que sempre falou com as paredes, que elas circundam um vazio e que, ao falar com as paredes, sua fala se faz ouvir e pode não se passar indiferente, pois alguém pode se interessar. Ao falar da sua forma de ensinar, afirmou: “Eu me exercitei para me colocar em uma posição de ensino bem particular, pois ela consiste em partir de novo sobre um certo ponto, um certo terreno, como se nada houvesse sido feito” (LACAN, 1967-1968/2006, p. 107). Lacan construiu uma proposta de ensino mais complexa, ampla, que produz “fissuras” de tempos em tempos, com efeitos nas pessoas que pegam emprestadas coisas aqui e ali para construírem seus discursos. Elogiou Freud ao afirmar que foi ele quem disse que o importante não é o pensamento e, sim, o nível da nossa relação com ele, de maneira singular, a partir da descoberta do inconsciente. Lacan tomou de Freud o que depois chamou de sujeito.

Ainda sobre o seu próprio ensino, Lacan fez afirmativas como “o que eu ensino fez um certo barulho” (LACAN, 1967-1968/2006, p. 70), ou “o que eu ensino salta aos olhos...”, por ser uma operação de discurso (LACAN, 1967-1968/2006, p. 81). Ao falar da psicanálise, como um caso inédito de discurso, disse que ela conduz à interrogação do fenômeno por outra lógica, produzindo estranheza. Para Lacan, as coisas nos escapam. Mesmo a aritmética tem um fundo com um furo e isso é importante para uma formação, para não se deixar “cretinizar” pela cultura, já que, de alguma forma, já fomos um pouco “cretinizados” pelo ensino secundário, que não deixa de ter, entretanto, o seu valor, diz Lacan. Ele destacou, assim, a relevância de uma base questionadora para a prática profissional e lembrou o trabalho dos sofistas, que se serviam da lógica, por exemplo, de forma brilhante e isso tinha um efeito formador em um primeiro plano. Os sofistas, no século V a. C., foram considerados *profissionais do saber, pensadores itinerantes* e muito contribuíram para a circulação das ideias e para a inauguração do estatuto social do intelectual moderno (ROMEYER-DHERBEY, 1999, p.10-11).

Ao falar do ensino como uma operação de discurso, Lacan abordou os quatro discursos, apresentados por ele no final dos anos 60, mais especificamente no seu seminário, livro 17, *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992), como forma de deslizamento de quatro elementos em quatro posições oriundas do modo como o laço social se articula. Esses quatro elementos são: o significante-mestre (S_1); o S_2 como o saber, amarrado ao S_1 , constituindo a cadeia significante; o sujeito do desejo ($\$$); e o que causa a incompletude do sujeito, configurando uma perda, o objeto a . Esses termos (S_1 , S_2 , $\$$, a), combinados nos lugares que correspondem a funções nos discursos, resultam em 4 discursos, quais sejam: o discurso do mestre (M), do universitário (U), da histórica (H) e do analista (A).

M U

S_1 S_2 S_2 a

— — — —

$\$$ a S_1 $\$$

H A

\$ S1 a \$

a S2 S2 S1

Quanto aos lugares do discurso que os quatro termos podem ocupar, Lacan (1969-1970/1992) os nomeou da seguinte forma, a partir de quatro funções:

Agente Outro

Verdade Produção

Retornando ao texto *Alocução sobre o ensino* (1970/2003), Lacan, ao falar do discurso do mestre, apontou este como sendo o próprio discurso do professor, o \$ barrado ocupando o lugar da verdade. Com um quarto de volta, chegamos ao discurso universitário, o saber (S_2) ocupando o lugar do agente e o significante mestre S_1 ocupando o lugar da verdade, caracterizando o ensino na Universidade. Pensando na posição do sujeito barrado (\$), o professor, nesse discurso, encontra-se no registro da produção, revelando a crise da Universidade e nos questionando sobre como fica o ensino nessas condições. Esse foi um dos pontos discutidos pelos autores que defendem a reforma universitária, que trazem a proposta de um ensino que parece solicitar do professor outra posição diante do aluno, questão abordada neste estudo.

Como, então, fica essa situação, se trabalharmos com o discurso da histórica?

Aqui, o saber (S_2) encontra-se como produção do próprio significante mestre (S_1), sendo este interrogado pelo sujeito barrado (\$) no lugar do agente, aqui pensado como sendo o professor, que sairia do lugar da produção, no discurso universitário, para aquele que questiona.

Pelo discurso do analista, pontuou Lacan (1970/2003, p.308), oposto ao discurso do mestre, o saber S_2 ocupa o lugar da verdade e “adquire verdade aquilo que se produz de significantes-mestres no discurso analítico”. O que ensina (professor), no lugar de \$ barrado, cria caminhos para que “se associe livremente, (o que significa: que os faça mestres) aos significantes de seu percalço” (LACAN, 1970/2003, p. 308). Nessa modalidade de laço social, a produção não é ensinável, já que o saber, como verdade no discurso, é sempre não-todo. Com isso, esse discurso não cai na armadilha da completude do ensino e, sim, causa embaraço a partir do momento em que faz produzir. Trata-se de uma perspectiva contrária ao discurso universitário, que esvazia a verdade, diz Lacan. É no discurso do analista que a causa do desejo é o agente. Ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o professor, aqui pensado como sujeito barrado (\$), “a não produzir nada que se possa dominar” (LACAN, 1970/2003, p. 310). Lacan concluiu essas reflexões com a seguinte frase: “A verdade pode não convencer, o saber passa em ato” (LACAN, 1970/2003, p. 310). Essa proposição do saber como efeito do ato só é possível a partir da transferência.

Quando Freud trouxe a transferência como eixo fundamental da análise e descobriu, ao mesmo tempo, que a transferência não acontece apenas na análise e, sim, em outras relações, como, por exemplo, a de professor-aluno, ele fez um convite para o estudo desta relação (professor-aluno), que Lacan retomou muito bem ao examinar os discursos. As contribuições de Freud, com o conceito de transferência, associadas ao ensino de Lacan quanto à posição do sujeito nos discursos, produzem vínculos possíveis que possibilitam uma análise contemporânea das relações sociais que permeiam o campo da educação e da posição do professor diante das suas práticas.

Considerações finais

São muitas as contribuições contemporâneas de estudos e pesquisas na interface da educação com a psicanálise, principalmente as reflexões feitas por Freud e por Lacan no decorrer das suas obras. Este estudo de revisão bibliográfica considera relevante e atual a necessidade de pesquisas direcionadas ao ensino universitário, utilizando a psicanálise como eixo teórico, por considerar o ensino superior como um campo ainda carente de estudos no contexto da educação, muito propício às reflexões, principalmente se levarmos em consideração a proposta inovadora da reforma universitária, vigente desde 2008 no Brasil, e seus possíveis efeitos nas relações oriundas deste cenário, destacando a relação professor-aluno como ponto crucial.

Todo o estudo teórico, realizado neste trabalho, possibilitou um percurso nos escritos de Lacan sobre o tema da educação, trazendo a importância da subjetividade, quando falamos do ensino. As contribuições da psicanálise sobre as relações nos possibilitam pensar que a relação transferencial, vista por Freud como universal, se faz também presente no âmbito da educação, mostrando o quanto é importante a compreensão desse conceito para que possamos, cada vez mais, aprofundar e problematizar o estudo das relações nesse cenário, como bem colocou Freud: "(...) é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres" (FREUD, 1914/1980, p. 286).

As contribuições de Lacan à teoria do ensino, a partir da experiência do seu próprio ensino e o seu interesse pelas questões do sujeito, mostram o quanto ele resistiu ao par professor-aluno no formato que coloca o professor na posição do ativo e o aluno na posição do passivo. Para ele, o ensino é como um pêndulo, que se movimenta entre quem ensina e quem é ensinado, ressaltando a relação professor-aluno como uma relação dialética. O espaço para o ensino é o espaço para o desejo e para o saber produzido por cada sujeito, a partir da transferência, diante de um saber não-todo.

Mesmo que o ensino, na modalidade contemporânea, não mais trate do aluno como um sujeito passivo, não podemos negar as contribuições da psicanálise, por destacar a importância do conceito de sujeito, quando trata do desejo de saber, que é de onde tudo parte. Considerando as entrelinhas dos discursos, pode-se ver a educação como algo que, ainda que permeado por uma dimensão de impossível, pode-se fazer, a partir de novos laços sociais que se diferenciam dos estabelecidos pelos discursos universitário e do mestre, tal como apontados por Lacan.

Referências

FREUD, S.. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: Freud, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1980. V. 13. p. 281-288.

LACAN, J. O **seminário, livro 01: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1953-1954/1986.

_____. O **seminário, livro 08: A transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1960-1961/1992.

_____. O **seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962-1963/2005.

_____. O **Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964/1998.

_____. O **seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969-1970/1992.

_____. Intervenção sobre a transferência. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1951/1998. p.

214-225.

_____. Alocução sobre o ensino. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970/2003. p. 302- 310.

_____. Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967-1968/2006. p. 67-100.

_____. **Estou falando com as paredes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971-1972/2011.

MILLER, J.-A. O rouxinol de Lacan. **Carta de São Paulo**, v. 10, n. 5, p.18-32, out.-nov. 2003.

ROMEYER- DHERBEY, G. R. **Os sofistas**. Biblioteca Básica de Filosofia. Lisboa: Edições 70, 1999.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

[1] Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, Especialização em Teoria da Clínica Psicanalítica – UFBA, Participante do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Violência e Subjetividade – SAVIS, Coordenadora do Curso de Psicologia da FTC/SSA, Docente do Curso de Psicologia da UNIJORGE, email: jackrusch@hotmail.com

[2] Doutorado em Saúde Pública – ISC/UFBA, Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Violência e Subjetividade – SAVIS, Professora Permanente do Mestrado Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, email: therezacoelho@gmail.com

[3] Doutorado em Filosofia da Psicanálise (UNICAMP), Professor Adjunto do CAHL/UFRB, Coordenador da Área de Conhecimento “Filosofia e Educação” (CAHL/UFRB), professor colaborador do Mestrado Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade - UFBA, pesquisador do Grupo de Pesquisa Psicanálise, Subjetividade e Cultura (CCS/UFRB), e-mail: sergioaffernandes@gmail.com

[4] Utilizado por Jacques Lacan a partir de 1936, o termo é correlato da expressão “estádio do espelho” e designa uma relação dual com a imagem do semelhante. Associado ao real e ao simbólico no âmbito de uma tópica, a partir de 1953, o imaginário se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 371).

[5] Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 714).

[6] Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 644).

[7] Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o Desejo (ROUDINESCO, 1998, p. 558).

[8] Psicanalista francês contemporâneo.

[9] Em psicanálise, Sigmund Freud empregou o termo sujeito, mas somente Jacques Lacan, entre 1950 e 1965, conceituou a noção lógica e filosófica do sujeito no âmbito de sua teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo. Foi em 1960, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, que Lacan, apoiando-se na teoria saussuriana do signo linguístico, enunciou sua concepção da relação do sujeito com o significante: “Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante.”. Esse sujeito, segundo Lacan, está submetido ao processo

freudiano da clivagem (do eu) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.742).

Recebido em: 28/06/2014

Aprovado em: 28/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: